

*Barnabé Natal*



# O PLANETA FELIZ

Vislumbres da estrutura  
e do funcionamento  
de um organismo social saudável

# O Planeta Feliz

## Vislumbres da estrutura e do funcionamento de um organismo social saudável

De Barnabé Natal

### *Dedicatória*

<sup>1.1</sup>Dedico este livro ao pensador e escritor Pietro Ubaldi; ao criador do idioma internacional Esperanto, L. L. Zamenhof; e a Saint-Yves d'Alveydre.

### *Agradecimentos*

<sup>2.1</sup>Aos amigos e amigas (localmente presentes ou não), agradeço todo o carinho, o incentivo, as conversas profícuas, as intuições, o apoio, as vivências engrandecedoras, a prestatividade, a compreensão, as idéias, a amizade, a doação, enfim, obrigado a cada um que, de acordo com suas peculiaridades, ofertaram contribuições com o intuito sincero de auxiliar no desenvolvimento da obra. Não citarei nomes, pois, com certeza, não será possível incluir tantas pessoas. No entanto, a duas pessoas devo uma gratidão especial: ao senhor, pai, pois sem o seu auxílio, o livro estaria muito obscuro. Obrigado por todas as horas que passamos juntos na reformulação do escrito. E a você, irmã, que com muita paciência revisou várias vezes o texto.

### *Introdução*

<sup>3.1</sup>ConTerrâneo ou conTerrânea<sup>1</sup>, peço-lhe, se possível, ao ler este livro, que procure desvencilhar o quanto puder a mente de idéias preconcebidas, mantendo-a desanuviada, sem amarras, a fim de participar das reflexões, posicionando-se no início. Tente vislumbrar os aspectos, sem criticá-los de antemão, e permita-se uma meditação mais pormenorizada sobre os assuntos. Gostaria, ainda, de esclarecer que estes apontamentos não estão relacionados a nenhuma corrente filo-religiosa.

<sup>3.2</sup>Pelo motivo de acreditarmos no livre e sensato uso da informação, optamos por deixar esta obra na condição de domínio público. Desta maneira, o texto pode ser reproduzido total ou parcialmente sem necessidade de nenhum tipo de autorização, contanto que sejam indicados o nome da obra, o autor, o(s) número(s) do(s) parágrafo(s) referente(s) ao texto reproduzido<sup>2</sup> e o endereço do sítio em que ele se encontra na íntegra: <http://br.geocities.com/barnabenatal>. O texto foi originalmente escrito em português. E, para finalizar, rogo aos que se afinizarem com a obra o auxílio, desde já agradecido, na sua divulgação.

<sup>3.3</sup>Por ainda se ter muito a trilhar, proponho que comecemos.

### *A posse*

<sup>4.1</sup>Este capítulo, peço-lhe que o leia com bastante atenção, pois consistirá nas bases das reflexões deste livro.

<sup>4.2</sup>Eu gostaria de lhe perguntar:

— De quem é a carteira onde você guarda o seu dinheiro?

---

<sup>1</sup> Estarei me valendo de uma liberdade literária para utilizar a palavra “conTerrâneo”. Embora incorreta dentro dos padrões gramaticais, expressa bem o significado que desejo transmitir. E pelo motivo de utilizarmos muito esse tratamento pessoal, empregaremos “conTerrâneo” de forma genérica, ou seja, tanto para o leitor quanto para a leitora.

<sup>2</sup> Tais números se encontram no início de cada parágrafo e qualquer modo de reprodução do texto deve incluí-los.

4.3 Por favor, seja sincero. Eu penso que provavelmente deva ser sua (se não for, pense em algum objeto que o seja).

— E por que a carteira é sua?

4.4 Provavelmente porque a comprou, ou ganhou, ou outro modo que lhe confirme pertencer. Agora, pergunte aos seus conhecidos:

— De quem é isto? Por que?

4.5 Possivelmente cada um responderá:

— Porque comprei.

4.6 Ou então:

— Porque ganhei de tal pessoa.

— A quem pertence esta casa?

— A família tal, pois eles a compraram.

— De quem é aquele carro?

— Do senhor fulano, pois ele o comprou.

— A quem pertence este pequeno bosque?

— Ao senhor tal, ele dispõe de muito dinheiro e comprou toda a propriedade.

4.7 E assim por diante.

4.8 Acredito que concordamos em um aspecto: a sociedade atual fundamenta-se nas transações monetárias. Adentremos, então, em outro ponto.

4.9 Reflitamos com relação aos seres humanos. Um ser humano pode pertencer a outro? Pense profundamente. Suponho que responderá de forma negativa, em virtude da liberdade consistir em algo intrínseco de cada ser. Por esta razão, ninguém pode se apossar de um ser humano. Concorda?

4.10 Porém, se o senhor Beltrano se apoderar de um indivíduo e afirmar aos brados que ele lhe pertence. Tal afirmação comprovará que o humano realmente seja propriedade dele, ou simplesmente consistirá em um pensamento delirante desse senhor? Antes de tudo, um ser humano simplesmente *é*, e a questão de ser propriedade consiste, meramente, *em uma formulação mental*. É uma concepção da pessoa e *não um fato que independe de pensamentos humanos*. Ao empregarmos a palavra *fato* daqui por diante, consideraremos como sendo *a realidade independente de qualquer idéia subjetiva*.

4.11 Há uma dramática diferença entre os nossos pensamentos sobre um fato e o próprio fato. O ser humano, por si só *é*. Isso *é* um fato! A questão de pertencer a alguém *é* um mero pensamento. Portanto, se nos basearmos *no fato*, tem-se que um ser humano não pertence a ninguém! Consiste em insanidade uma pessoa supor ser proprietária de outro ser. Simplesmente ela estará se alicerçando em padrões pessoais de pensamento, e julgando-os como inerentes ao ser!

4.12 E se o senhor Beltrano, realmente, se apoderar à força de outra pessoa, poderá ser autuado e, em seguida, temporariamente afastado do convívio social, pois praticamente há, em todo o planeta, leis que asseguram a liberdade dos seres e impedem pessoas de poderem assenhorear-se de outro humano.

4.13 Como se sente? Podemos prosseguir? Desse modo, relembremos o que argumentávamos: na essência, nenhum ser pertence a outro, ou seja, nenhum humano *é de ninguém!*

4.14 Neste momento, redobre a atenção e retornemos ao começo de nossa conversa. Lembra-se da questão de sua carteira<sup>3</sup> e que a sociedade atual aceita que lhe pertence?

4.15 Pois bem. Imagine se estivéssemos em 1800, em uma região escravagista, e o conTerrâneo fosse um poderoso senhor de terras. *E, em vez de você estar com a sua carteira, você estivesse com o seu escravo*. Então, se naquela época alguém lhe perguntasse:

— De quem é este escravo?

4.16 Com voz firme e sem titubear, você responderia:

---

<sup>3</sup> Parágrafo 4.2 até 4.4.

- É meu!
- Por que? - perguntariam.
- Porque eu o comprei.

<sup>4.17</sup>E todos ao seu redor concordariam, *pois era um pensamento normal naquele tempo um ser humano pertencer a outro*. A sociedade aceitava como uma verdade inabalável, como um fato, que humanos pudessem adquirir humanos. E *as leis daquela época davam respaldo a isso*, visto ser simplesmente um reflexo dos padrões da sociedade de então. Todavia, tal quadro não implicava se tratar de algo imutável. ConTerrâneo, percebe onde almejamos chegar? Paulatinamente a sociedade foi compreendendo o fato que era a realidade humana tal como é, e, assim, a barbaridade de se basear em um conceito como uma pessoa pertencer a alguém. Nesse processo, a sociedade foi alterando leis rumo a novos estágios. Estruturas sociais foram reformuladas com o intuito de aproximar suas bases de um fato (ou seja, que independe de conceitos), e isso aconteceu, apesar de na época, o poder dominante concordar que a posse de seres humanos consistia em algo normal.

<sup>4.18</sup>Agora, vamos nos aprofundar um pouco mais. Um humano por si só é; terra por si só é; um objeto por si só é. Há dois aspectos: o primeiro consiste no ente como é, e o segundo no que pensamos sobre ele. Assim, *cada ente inanimado ou não por si só é*, enquanto por outro lado, o ser humano os aprisiona *por pensar* que lhes pertence. Deste modo, nada ou ninguém é propriedade de um ser, pois são conceitos engendrados pela mente e não pertencem ao ente em si! Que loucura! Erigimos uma sociedade estruturada em bases ilusórias! A posse consiste em um pensamento humano tornado coletivo e corroborado com normalidade como se fosse um fato. Porém, não passa de uma fantasia, de um grande devaneio. Talvez daqui a 500 anos (sejamos otimistas, porém trabalhemos para isso) a humanidade entristecer-se-á só de pensar que seus antepassados supunham ser possuidores de algo, do mesmo modo que atualmente nos lembramos da sociedade escravagista com pesar. Porém, tenhamos sempre em mente que estamos inseridos em um constante processo. Um conceito que hoje nos parece óbvio demandou bastante tempo e labor, na época em que inicialmente foi proferido, para que a sociedade o absorvesse. Da mesma forma que no período da escravidão existiram os abolicionistas, que compreenderam e se esforçaram para mostrar que nenhum ser humano deve pertencer a outro, juntos, na atualidade, poderemos dar um novo passo, e que passo! Mostrar que nada pertence a absolutamente ninguém!

<sup>4.19</sup>Analisemos a questão da posse por um outro ângulo. Se você compra uma carteira, a sociedade concorda que lhe pertença, pois este consiste no padrão social atualmente vigente, ou seja, quem compra é possuidor do que adquire. Suponhamos, no entanto, que o Ciclano a furtar e passe a utilizá-la, sem revelar a sua ação. Assim, aqueles do relacionamento do Ciclano concordarão que a carteira pertence a ele, enquanto os seus conhecidos, conTerrâneo, continuarão concordando que a carteira pertence a você, mesmo privado dela. Ou seja, uns pensam que pertence a um, enquanto outros pensam que pertence a outro. *Tais situações acontecem, vez que a posse simplesmente existe como um pensamento individual, e não consiste em algo inerente ao objeto cobiçado*. O objeto em foco por si só é, o restante não passa de concepções mentais acrescentadas a ela<sup>4</sup>.

<sup>4.20</sup>Os padrões atuais de justiça consideram o furto como algo ilegal. Portanto, se o Ciclano for flagrado furtando, certamente, ele será julgado de acordo com o padrão jurídico vigente. Em vez disso, se este acontecimento tivesse ocorrido na época do humano pré-histórico, o Ciclano, provavelmente, seria considerado o legítimo dono da carteira, pois, nas concepções sociais daquela época, imperava a lei do mais forte, padrão que perdurou por longo tempo (e ainda, de certo modo, perdura). Desta maneira, o mais robusto e violento se apossava do que desejasse e todos concordavam com normalidade. Como a posse consiste em uma criação mental, a forma considerada como legítima de se apossar de algo também o é, e constantemente se modifica, na dependência do período histórico. ConTerrâneo, isso não

---

<sup>4</sup> O próprio termo “carteira” consiste em uma definição.

implica que devemos sair furtando os “pertences” alheios, pelo motivo de nada pertencer a ninguém. Pelo contrário, pois tal acontecimento indicaria outra forma de apropriação.

<sup>4.21</sup>Em breve, iniciaremos a reflexão sobre a estrutura e funcionamento de um planeta feliz, por isso, não desanime. Prossigamos, analisando ainda por outra perspectiva, a noção de posse. Quanto mais detidamente examinarmos a questão por diversos panoramas, melhor entenderemos os conceitos humanos que forram um fato em si e, também, as ilusões dos conceitos criados e vividos por nós, os quais inúmeras vezes supomos serem imutáveis, isso porque não temos o hábito de refletirmos sobre nossas atitudes.

<sup>4.22</sup>Agora, vamos supor um rapaz que cortou a lã de uma ovelha e realizou o processo até culminar em uma vestimenta. Como foi o rapaz que a confeccionou, então a vestimenta pertence a ele? O pensamento de posse pode provir da seguinte suposição: como o rapaz despendeu energias na confecção do produto, então, o mesmo pertencerá a ele. Vasculhemos atentamente este caso, sem o finalizarmos tão rapidamente. Não foi somente a energia do rapaz que esteve envolvida no processo. Houve a energia que a ovelha utilizou para criar a lã, caso contrário, não existiria a vestimenta. Então, a ovelha também é dona dessa vestimenta? Pois despendeu suas energias também. E a energia das pessoas envolvidas na manufatura da tesoura de cortar a lã? Auxiliaram, a seu modo. Então, a peça de roupa também lhes pertence? E o que dizer da energia empregada pelo pastor que cuida da ovelha. Graças a ele, o animal está disponível e saudável. Desta maneira, uma parte da vestimenta também pertence ao pastor? E as energias dos amigos e familiares próximos ao pastor, possibilitando condições favoráveis para ele bem desempenhar o pastoreio das ovelhas? E as energias de todos os agentes naturais como o sol, as plantas, a chuva, o vento etc? Observe a complexa teia de atividades de todo um sistema e se deslumbre com ela. Cada um contribuiu de acordo com suas habilidades para que a vestimenta fosse concretizada. Assim, qualquer atitude, qualquer transformação energética no universo contribuiu neste sentido. E somente porque o rapaz realizou a última parte do trabalho, ele se afirma o possuidor da roupa?! Delírio da mente humana! Equivale a um pedreiro, que por colocar os últimos tijolos de uma edificação, afirmar com convicção que a construção é dele, esquecendo ou ignorando que, para ter colocado os últimos tijolos, necessitou do trabalho de base e erguimento de muitos seres.

<sup>4.23</sup>Aliás, o rapaz não foi o último a concluir a vestimenta, pois ela nunca está conclusa! Permanece constantemente sendo alterada, por meio da energia de outros entes vivos ou não. Um simples tocar já a modifica, tensiona as suas fibras. Uma variação de luminosidade provoca alterações sutis, o próprio movimento dos átomos e seus componentes indicam uma constante mudança. Sendo assim, como pode estar finalizada, se incessantemente encontra-se em transformação? O que permanece inalterado é simplesmente o nome com que a rotulamos!

<sup>4.24</sup>Visualizemos melhor essa questão, refletindo sobre o corpo humano. O sangue produzido pela medula óssea consiste em propriedade dela? Mas, como a medula produziria o sangue, sem os nutrientes absorvidos pelo sistema digestivo, sem o oxigênio disponibilizado pelo sistema respiratório, sem o auxílio das artérias, veias, nervos ou sem os comandos do cérebro? Ou seja, o sangue não pertence à medula, pois todos, a sua maneira, contribuíram para esse produto. Assim funciona um organismo e mais adiante examinaremos que o funcionamento de uma sociedade feliz se assemelha a um organismo vivo.

<sup>4.25</sup>Busquemos novas reflexões, agora pelo ponto de vista dos componentes atômicos. Suponhamos que um indivíduo tenha ao seu dispor uma colossal quantidade desses componentes para se divertir, montando-os ao seu gosto. Independente da gigantesca quantidade, nenhum dos componentes é propriedade do indivíduo. Talvez seja na mente dele e da sociedade atual, no entanto, são só pensamentos, como vimos anteriormente. Agora, suponhamos que ele direcione suas energias para reagrupá-los, criando, dessa maneira, uma nova disposição. Contudo, ainda que organizados de outra forma, continuarão constituídos pelos mesmos componentes, e que não pertencem a ninguém. O indivíduo poderá despende a energia que desejar, no sentido de reagrupá-los em configurações totalmente originais, nunca

vistas na história, entretanto, estarão formados pelos componentes anteriores e que não pertencem a nenhum ser.

<sup>4.26</sup>A noção de posse do indivíduo encontra-se *no apego ao resultado do seu trabalho*, em outras palavras, localiza-se *no pensamento* do suposto criador e, possivelmente, do seu meio social também. Pois, como o artista despendeu energia nessa criação, ele julga que a obra lhe pertence. Não há dúvidas de que, sem o artista, a obra não se concretizaria dessa maneira. Mas, mesmo assim, o resultado por si só consiste naquele ente (fato), e todo o restante não passa de conceitos criados pela mente (exemplo, beleza, originalidade, dono, funcionalidade etc).

<sup>4.27</sup>O indivíduo pode reagrupar as cores de diversas tintas e pintar um quadro. Mesmo assim, o quadro continua formado pelos mesmos componentes anteriores, e que, de fato, não se constitui propriedade de ninguém. Qualquer atitude no sentido de assenhorear-se de algo será simplesmente fruto de elaborações mentais e, dependendo do número de pessoas e do tempo, cristalizam-se em convenções sociais.

<sup>4.28</sup>De modo sutil, a mente humana fabula subterfúgios para convencer-se de que os seus pensamentos refletem a própria realidade inerente das coisas (fato), de que os apegos são de direito, enfim... Isso acontece por ainda carecermos do hábito de juntos examinarmos temas de nosso contexto, procurando sinceramente desapegar-nos de idéias solidificadas, buscando realmente enxergar os fatos. Nesse processo, conheceremos novos aspectos e, sem finalizá-los, reexaminarêmo-los novamente e assim por diante. O problema não reside no ato de pensar, e, sim, na criatura acreditar que a régua de medida do seu pensamento consiste na medida padrão em que todos devem se basear. Em outras palavras, consiste em supor que o seu pensamento reflete o que é, e que o mundo ao redor deve se adequar a este padrão. Quantos atritos já foram criados por indivíduos que não se desapegaram de suas régua mentais e impuseram aos outros a mesma medida.

<sup>4.29</sup>ConTerrâneo, mergulhe em seu interior e reflita com que clareza conhece a si mesmo. Nossas tendências, rancores, medos são pensamentos arraigados e por nós mantidos. Existem uns tão entranhados que praticamente não percebemos se tratar de um mero padrão mental. Adentremo-nos, familiarizemo-nos, pesquisemo-nos, ansiando, cada vez mais, discernir o que são os nossos pensamentos. Busquemos eliminar progressivamente os hábitos condicionados, exercitando a constante reflexão sobre eles e procurando identificar as nossas plataformas mentais de ação.

<sup>4.30</sup>Nesse momento, suponha uma fruta na sua frente. Quando você opina sobre o sabor dela, isso consiste em um pensamento seu, pois a fruta simplesmente “é”. E outras pessoas podem emitir diferentes pareceres. Vejamos outros conceitos em relação a essa fruta: afirmar a sua aspereza, considerá-la grande e pesada, comparar o seu odor a alguma outra essência, assegurar que está amarga, podre, azeda, bela, ou então, *julgar-se possuidor dela*. Os exemplos acima, talvez sirvam para facilitar o nosso entendimento a respeito da profusão de pensamentos de cada criatura sobre um certo ente. Na sociedade atual, mais facilmente se reconhece a existência de gostos variados como sendo um pensamento individualizado, mas poucos refletem que a questão da posse também se insere nesse aspecto. Isso acontece pois a sociedade fundamentou toda a estrutura social do planeta nesta concepção mental!

<sup>4.31</sup>Examinemos um suposto caso. Como seria se as autoridades de um certo país decretassem que uma cor específica fosse considerada a mais bela de todas e criassem um conjunto de leis obrigando a aceitação de sua beleza, a ponto de punir com rigor alguém que supusesse o contrário. E para agravar a situação, digamos que tal conceito já estivesse assimilado desde gerações antepassadas, a ponto de nas escolas, universidades, meios de comunicação etc, os cidadãos ressaltarem tratar-se da mais exuberante cor existente. Então, em decorrência da quase unanimidade de gosto, implicaria que a beleza se tornou algo intrínseco a essa cor, ou simplesmente consiste em muitas pessoas emitindo um mesmo pensamento? Ora, a cor continuará a mesma e a beleza que lhe conferem não é inerente à cor.

O que ocorreu, neste exemplo, em relação a um determinado conceito coletivo de beleza, semelhantemente ocorre, nesta nossa sociedade atual, com relação ao conceito de posse.

<sup>4.32</sup> Conceitos arraigados e sustentados como representando o que é, motivam confrontos e desavenças. Por exemplo, quando emitir a frase: “Isto é um copo”, tenha consciência de que diz: “Isto penso ser um copo”. Pois, conceituar o objeto como copo é um pensamento, já que outros podem considerá-lo um vaso ou outro artefato. O ente simplesmente é; o resto, como nomes, cores, funcionalidades, proprietários, beleza etc, são nossas fantasias mentais.

<sup>4.33</sup> Vejamos um outro aspecto. Imagine se uma determinada empresa colocasse uma propaganda na Lua, de maneira que, ao olharmos para o céu, víssemos uma imensa mensagem publicitária. E se outra empresa criasse um enorme anteparo no espaço sideral, de modo que cada cidadão do planeta precisasse pagar uma certa quantia para dispor da luz solar. Com esses exemplos dramáticos, percebemos de antemão o ponto de insanidade mental a que teríamos chegado. Você conseguiria imaginar a criação de leis que formalizassem a Lua, os raios solares ou o próprio Sol como propriedades particulares de alguma empresa ou grupo de pessoas? Não consideraria isso uma loucura?! Porém, a maioria se acostumou com a convenção de que a terra pode pertencer a certos indivíduos, e que os rios, fontes, mares e os ecossistemas possuam proprietários. Acostumamo-nos com a situação de árvores e animais serem propriedades de pessoas (algumas árvores mais antigas que seus “donos”!). E isto se estende a tudo o que existe na atual sociedade.

<sup>4.34</sup> ConTerrâneo, sejamos uma nova geração dos abolicionistas, agora imbuídos de uma concepção social mais ampla: a barbaridade de *qualquer* tipo de posse. Tal concepção será muito mais difícil de ser absorvida pela sociedade, visto que necessitará de uma mudança radical em todas as estruturas do planeta! Há muito trabalho pela frente, porém comecemos por desapegarmo-nos de nossas criações mentais e juntos adentremos gradativamente na essência dos fundamentos sociais. Tornemo-nos permeáveis a novas idéias. Vamos serenar, agregar, construir juntos e iluminar como o dia!

<sup>4.35</sup> O pensamento de posse serviu de alicerce para construir a atual sociedade escrava das relações monetárias. Nesse sentido, *o dinheiro* escamoteia uma tendência mais profunda do indivíduo, pois *simplesmente consiste em um instrumento estabelecido pela criatura humana para regulamentar o pensamento de posse*. Em conseqüência, a dinâmica social fundamentada no dinheiro reflete uma sociedade estruturada na idéia de posse. E infelizmente, tal estrutura social propicia o desenvolvimento de outras formas de apego no ser humano.

<sup>4.36</sup> As transações com dinheiro se enquadram em um ciclo que pode ter auxiliado, sobre determinados aspectos, a organização social, *porém, não implica que tenhamos que seguir para sempre esse padrão*, até porque as seqüelas legadas por tal sistema ao contexto social estão crescendo. O atual funcionamento da sociedade tem alcançado uma tal proporção de periculosidade, que se faz necessário nos organizemos com o intuito de pesquisarmos e agirmos em prol da construção de novas bases para uma sociedade mais harmônica, sem mais protelarmos ou delegarmos tais iniciativas para outros indivíduos ou geração.

<sup>4.37</sup> Respire profundamente, conTerrâneo, pois atravessaste um caminho considerável. E sem mais delonga, comecemos a nos aprofundar na questão do trabalho.

## ***O trabalho...***

### ***...na sociedade de posse.***

<sup>5.1</sup> Esta seção<sup>5</sup> será a única parte da obra em que nos concentraremos um pouco no nosso planeta de posse. Em seguida, prosseguiremos somente com relação ao planeta feliz.

---

<sup>5</sup> Do parágrafo 5.1 até 5.18.

<sup>5.2</sup>Um ponto fundamental, referente ao trabalho na sociedade alicerçada na posse, consiste nos cidadãos trabalharem para angariar dinheiro, e desta maneira, buscar a sobrevivência. Porém, elaborem nossas reflexões por um outro prisma.

<sup>5.3</sup>Tente imaginar a frenética movimentação dos seres humanos em suas rotinas diárias, em diferentes países, culturas, ambientes etc. Neste instante, paralise o tempo e suponha que possa investigar cada cidadão em suas aspirações interiores. O que perspicazmente você apreende em cada um deles quanto ao trabalho que desempenham? Atente para uma questão sutil: dos cidadãos que trabalham, uma grande parcela se sente insatisfeita com o que realiza, pois no íntimo, preferiria outra tarefa. Tal situação é corriqueira em uma sociedade de posse, devido à necessidade de se garantir alguma remuneração. Por esse motivo, existem professores ministrando aulas, porém gostariam de ser médicos; bancários com anseio de ser engenheiros; administradores com desejo de ser agrônomos, e assim por diante. Eles dispõem de certa liberdade para buscar a concretização de seus sonhos, porém o sistema social não se encontra estruturado adequadamente para facilitar essa busca individual, e muitas vezes, atua tal como uma correnteza contrária. Assim, um dos reflexos de uma sociedade embasada na utilização do dinheiro consiste *em indivíduos competindo para se encaixar em atividades profissionais por vezes não condizentes com os seus anseios íntimos*.

<sup>5.4</sup>Como consequência, o cidadão não se dedica por inteiro e nem se sente totalmente realizado em sua atividade. Um indivíduo com repúdio a memorizar informações não se adequaria bem ao trabalho que exige a presença dessa qualidade e não se sentiria totalmente realizado como ser humano, mesmo se tal atividade fosse bem remunerada. Uma pessoa com propensão para a pintura, não considerará o seu trabalho como um trampolim para progressos individual e coletivo se desempenhar, por exemplo, um serviço de corretor na bolsa de valores ou de gerente de banco, simplesmente por receber um “gordo” salário.

<sup>5.5</sup>Em outras palavras, uma organização social fundamentada nas relações de dinheiro facilita à existência de ofícios exercidos por indivíduos sem as aptidões e motivações para bem desempenhá-las. Que desventura para o organismo social! Um grande desperdício! Imagine se, em um organismo humano, a célula do fígado resolvesse desempenhar a função destinada à célula do coração, ou se uma célula adiposa resolvesse desempenhar o trabalho de uma célula do pulmão, ou, ainda, se uma célula da vista resolvesse desempenhar outra função qualquer. Que desastre! Um organismo doente e fraco! E a nossa sociedade se encontra assim! Pois, por conta de buscarem funções melhor remuneradas, porém não necessariamente as mais em sintonia com suas afinidades, certos indivíduos encontram-se mal localizados nas atividades pelas quais são responsáveis, formando um organismo social doente!

<sup>5.6</sup>Na sociedade centrada em transações monetárias, habitualmente seres humanos com grande potencial em certas atividades, por não terem desfrutado de oportunidades, realizam trabalhos bem aquém do que poderiam desenvolver em benefício conjunto. O sistema social está estruturado de tal modo que muitos cidadãos (principalmente os com pouco dinheiro) não dispõem de condições para se aprimorarem e trilharem o caminho que acham o mais adequado para servir à coletividade, pois, muitas vezes, se vêem estrangidos a palmilhar os poucos caminhos que lhes estão disponíveis. Assim caracteriza-se a estrutura de nosso presente sistema social: os que possuem mais dinheiro dispõem de maiores condições, enquanto por outro lado...

<sup>5.7</sup>Nos concentremos em outros aspectos do trabalho em nossa sociedade fundamentada no pensamento de posse. Reflitamos, então, na quantidade de empregos sustentados unicamente devido à existência do dinheiro e no número de pessoas neles envolvidos, por exemplo: toda a imensa estrutura dos bancos mundiais, com milhares de funcionários das mais diversas áreas focados principalmente nos artifícios de patrocinarem um maior crescimento econômico de tais bancos; ou a quantidade de indivíduos envolvidos nas bolsas de valores. Tente imaginar o número de pessoas no planeta comprometidas em lojas comerciais, a exemplo dos atendentes e dos balconistas, que muitas vezes vegetam por horas diárias atrás de um balcão. Reflita sobre a indústria do petróleo, dispondo de imensas plataformas, de navios



petroleiros, de indústrias de manufaturas, de uma gigantesca estrutura de distribuição dos seus derivados etc. Tudo isso absorve um número colossal de humanos trabalhando em algo que ainda existe simplesmente por envolver muito dinheiro, pois já raiou um panorama ditoso (esperando esforços) nos combustíveis renováveis e limpos. E tal esquema se estende a outros ramos, de modo que muitos labores existem somente devido a organização de uma sociedade monetária.

<sup>5.8</sup>Um sistema social que abafa o que há de melhor no cidadão, impedindo o florescimento de qualidades belas e únicas, consiste num sistema social irrefletido. E a reformulação dos alicerces da sociedade naturalmente implicará na mudança das formas de trabalho, substituindo-as por outras mais condizentes com as capacidades e aspirações de cada ser humano.

<sup>5.9</sup>Em breve nos aprofundaremos no funcionamento do trabalho em uma civilização feliz. Entretanto, examinemos um pouco mais a nossa atual sociedade, a fim de enxergarmos com melhor nitidez a conexão entre o apego humano e o funcionamento desse sistema. Por isso, investiguemos outros pontos.

<sup>5.10</sup>Uma estrutura social carcomida pelo uso do dinheiro predispõe o surgimento de empregos que praticamente escravizam o indivíduo pela quantidade excessiva de horas trabalhadas. E isso acontece por se visar mais dinheiro. O indivíduo, por se conservar polarizado em seu serviço, sutilmente se desajusta, o que, infelizmente, repercute em seu entorno, por exemplo, nas relações conjugais, no trato com os amigos, no diálogo com os filhos etc. É comum o trabalhador levar serviço para concluí-lo em casa e também trabalhar nos finais de semana. Por tal razão, falta-lhe tempo para reflexões íntimas (o que propicia a cristalização de hábitos, influenciando semelhantemente à sociedade) e vivências importantes que colaborem no seu desenvolvimento humano integral, como o convívio familiar, o lazer, a leitura diversificada, a realização de outras atividades etc. Tais aspectos são corriqueiros em *uma civilização embasada no conceito de posse, pois o dinheiro, não poucas vezes, é posto como prioridade, relegando o valor da vida humana a um segundo plano.*

<sup>5.11</sup>Há outros aspectos que emergem de um sistema social alicerçado no pensamento de posse, por exemplo: a conduta de resguardar descobertas utilizando patentes ou aguardar o momento mais oportuno para lançá-las no mercado e, assim, lucrar mais. Outra conduta é a de abafar empresas menores que apresentem propostas ameaçadoras aos interesses comerciais das concorrentes maiores. Neste sentido, quantas tecnologias, métodos produtivos e conhecimentos científicos têm sido velados ou interrompidos em virtude dos interesses particulares de grupos interessados em maiores montantes de capital. Diversas pesquisas militares são também ocultadas, no entanto, o intuito principal não é a posse monetária, mas a manutenção da posse territorial (uma expressão mais refinada seria a soberania nacional).

<sup>5.12</sup>Ocorre também que em uma sociedade voltada para o lucro, praticamente todo o caminho do desenvolvimento – inclusive tecnológico – não necessariamente consiste no de maior proveito conjunto, mas, sim, no que redundará em dinheiro para as empresas. Tal mentalidade prejudica o desenvolvimento de áreas não rentáveis, mas que poderiam trazer amplos benefícios coletivos. Inclusive, as empresas açambarcam uma imensa quantidade de pesquisadores, infelizmente, tolhidos em suas capacidades criativas por se encontrarem cerceados e supervisionados pelas políticas administrativas de suas empresas.

<sup>5.13</sup>Mesmo com a liberdade de pesquisa, às vezes comprometida por se visar lucros, já existem indústrias com possibilidades e tecnologia para despoluir rios, purificar o ar, embelezar cidades, edificar moradias mais duráveis, otimizar o processo educacional, multiplicar a produtividade agrícola, tratar dos enfermos, auxiliar aos portadores de necessidades especiais, revolucionar o sistema de locomoção global, disseminar e aperfeiçoar a comunicação em cada ponto do orbe terreno etc. *Seguramente, existem empresas com possibilidades de contribuir na construção de um mundo sensivelmente mais harmônico, contudo, como cada uma espera ser remunerada para espargir tais benefícios, então as possibilidades se concretizam aquém do*

*que poderiam.* ConTerrâneo, não sente uma tristeza com relação ao sistema social que estamos vivendo e auxiliando a forjar!?

<sup>5.14</sup> Concentremo-nos em outros ângulos. A nossa organização social se alicerça em uma convenção adotada pela maioria, que é a posse. E a partir daí, erigiu-se a dinâmica monetária entre os humanos, cuja uma das principais conseqüências consiste em uns lograrem adquirir mais do que outros. Assim, *a pobreza é uma das conseqüências mais gritantes de uma sociedade de posse.* Tal situação acontece em virtude de cada cidadão resguardar, para si e seu círculo, *o que considera serem os seus bens,* e isso, com receio que lhes careça algo. Devido à ausência de confiança entre os seres humanos, cada um busca angariar o máximo possível a título de reserva. Consiste no "dou, se me deres algo em troca para me precaver". Nesta linha de pensamento, alguns passaram a dispor de muito em detrimento dos outros. E esses últimos vivenciam sérias incertezas e privações.

<sup>5.15</sup> A necessidade monetária contribui para que alguns procurem obter dinheiro ou bens por meios que não enobrecem o ser humano e a sociedade, por exemplo: os furtos, as falcaturas, o tráfico de entorpecentes, o comércio ilegal de armas, os seqüestros, os assassinatos por encomenda, os labores que destroem os meios naturais etc. Tais atividades acarretam seqüelas em nossa sociedade e desarmonizam o Planeta. Não vale a pena nos fixarmos nesses pontos, pois já conhecemos o suficiente sobre a presente situação mundial.

<sup>5.16</sup> Inúmeros seres humanos, no entanto, acreditam em um estilo de vida progressivamente mais fraterno e desprendido, e se encontram maduros e receptivos para um convívio assim. Porém, por estarem inseridos nessa organização social de posse, acabam necessitando lutar também pela própria sobrevivência. Um indivíduo, mesmo que não deseje competir, se estiver inserido em uma estrutura competitiva, por mais que tente se esquivar, em certo sentido, terá que agir assim. A estrutura social não impõe, porém favorece atitudes de certa natureza. Oh, que espécie de existência temos auxiliado a criar para todos nós?! A maneira como atualmente vivemos não consiste na única forma de vida possível! Podemos aprimorar o sistema, e muito!

<sup>5.17</sup> Reflitamos no funcionamento de um motor obsoleto. Um motor assim utiliza combustível de pouca eficiência, o seu rotor gira com dificuldade, emite muito ruído, superaquece algumas áreas, contém partes mal estruturadas que poderiam ser simplificadas, sua conformação é monstruosa, constantemente demanda reparos etc. Proporcionalmente a quantidade de combustível consumida pela geringonça e o trabalho real do motor indicam a baixa eficiência desse, ou seja, consiste no emprego de muita energia para pouco resultado. No entanto, *não há indicações de que esse motor obsoleto seja o único mecanismo exeqüível,* que não seja possível aperfeiçoá-lo ou juntos, projetarmos novos motores dotados de um alto desempenho, com outros combustíveis, aplicando descobertas recentes, mais compactos, ajustados para menor desperdício energético e, concentrando e direcionando essa energia aos objetivos realmente visados. Será isso possível?! Tanto o é, que tem ocorrido um efetivo incremento na tecnologia de motores, e semelhantemente, pode acontecer com relação ao sistema social no mundo. Do mesmo modo que o ser humano concentrou os seus esforços e se dedicou, em certo sentido, a acelerar o progresso tecnológico dos motores, *o mesmo pode ser realizado se nos concentrarmos e nos dedicarmos no sentido de acelerar o progresso da organização social planetária.*

<sup>5.18</sup> Porém, necessitamos realmente nos convencer de tal possibilidade, empregar os meios, adquirir o hábito constante de coletivamente nos aprofundarmos nas bases sociais, sempre com a postura de não estagnar conceitos, mas, sim, de nos reposicionarmos, e juntos buscarmos enxergar os fatos e gradativamente agir em consonância com eles. Um exemplo consiste na questão da posse, pois compreendemos não consistir em um fato em si, mas, sim, em uma abstração mental, subjetiva; então, de acordo com essa descoberta, novamente juntos, pensaremos em modos de substituir as estruturas baseadas nesse pensamento por outras mais harmônicas com o fato. A seguir, começaremos a refletir em algumas propostas de substituição. A suposição de que a posse consiste em uma realidade intrínseca aos entes tem atravancado o

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

